



Belo e sublime, apolíneo e dionisíaco

Vladimir Menezes Vieira
Universidade Federal Fluminense

Resumo: No §1 de *O nascimento da tragédia*, Nietzsche procura caracterizar os dois princípios que constituirão os pilares de sua doutrina estética – o apolíneo e o dionisíaco – a partir dos estados observados no sujeito que está sob a influência de cada um deles. Há notáveis semelhanças entre esta descrição fenomenológica e aquela de que se serve Kant na *Crítica da faculdade julgar* para contrapor belo e sublime: em um caso, o indivíduo vivencia uma alegria que tem origem na contemplação de belas formas; no outro, o prazer que está na base da experiência estética só advém após um sentimento de terror. Esta analogia é reforçada pelo fato de que o autor emprega de forma consistente o termo “belo” [*schön*] para referir-se ao apolíneo. Considerando-se que, além de Schopenhauer, Kant é um dos poucos filósofos que Nietzsche menciona nominalmente em sua obra, parece tentador imaginar que a doutrina do apolíneo e dionisíaco foi desenvolvida com base no legado conceitual da terceira crítica. O objetivo deste artigo é examinar tal hipótese.

Palavras-chave: Nietzsche, Kant, apolíneo, dionisíaco, belo, sublime.

Abstract: In §1 of *The Birth of Tragedy*, Nietzsche describes the effects produced on us by the two basic principles of his aesthetics: the Apollonian and the Dionysian. There are remarkable similarities between this description and the one provided by Kant in his *Critique of Judgment* for the beautiful and the sublime: in one case, we experience joy in contemplating beautiful forms; in the other, our pleasure is derived from an initial feeling of terror. Further evidence suggesting this analogy may be found in the fact that Nietzsche consistently employs the word "beautiful" [*schön*] when he writes about the Apollonian in this work. If we take into account that, besides Schopenhauer, Kant is one of the very few philosophers explicitly mentioned in *The Birth of Tragedy*, it is tempting to assume that Nietzsche wrote his first book under the influence of Kantian aesthetics. This paper aims to assess this hypothesis.

Key words: Nietzsche, Kant, Apollonian, Dionysian, beautiful, sublime

No §1 de *O nascimento da tragédia*, Nietzsche apresenta os dois princípios que servirão de fundamento para sua hipótese filológica a respeito do surgimento da tragédia entre os gregos – e, como se verá ao longo do livro, que toma também por

Vieira, Vladimir Menezes
Belo e sublime, apolíneo e dionisiaco

elementos constituintes de toda e qualquer manifestação legitimamente estética. Aqui, como em outras passagens de sua obra de juventude, o filósofo aplica conceitos do pensamento de Schopenhauer para descrever certas entidades metafísicas que estariam na base das experiências relacionadas a apolíneo e dionisiaco.¹ Em última análise, portanto, a arte é pensada a partir da suposição de que tais entidades existem e possuem certas características.

Esta concepção parece, à primeira vista, essencialmente distinta da tradição moderna que encontrara, em termos estritamente filosóficos, uma de suas grandes sínteses na *Crítica da faculdade de julgar*. Ali, a experiência estética é justificada não com base em propriedades de um objeto que se supõe existente, mas antes em certas relações que se estabelecem entre faculdades do sujeito. Um dos propósitos cardinais da obra de Kant consiste, precisamente, em mostrar como uma experiência de tal natureza pode ser universal, já que tenderíamos a tomar a única evidência que dela se tem – a sensação de prazer vivenciada pelo indivíduo – como uma condição particular.

De modo curioso, entretanto, a apresentação de Nietzsche no §1 parece filiar-se parcialmente a esta tradição, pois à exposição metafísica de apolíneo e dionisiaco corresponde, no nível fenomenológico, uma descrição dos efeitos que esses princípios produzem sobre o sujeito onde o sentimento de prazer desempenha um papel central. Este é, justamente, o ponto de partida das duas analíticas que integram a primeira seção da *Crítica da faculdade de julgar*.

Em Kant, como ademais em boa parte dos tratados modernos sobre o tema, a manifestação de prazer no indivíduo é aquilo que caracteriza de modo mais fundamental a experiência estética. É em presença de sentimentos desse tipo que emitimos juízos onde afirmamos que algo é belo. Logo, a justificativa para o valor propriamente estético do juízo depende de uma análise das condições internas do sujeito que permitem a eclosão de tais sensações. No caso da terceira crítica, seu objetivo consiste em assegurar que elas não têm sua origem na satisfação de interesses ou no agrado meramente sensorial.

Em *O nascimento da tragédia*, o fenômeno estético não é fundamentado com base em uma disposição de faculdades do sujeito, mas sim em certas relações que se

¹ Cf. NIETZSCHE, F. *Die Geburt der Tragödie*. In: *Sämtliche Werke*. Bd. I. Edição crítica organizada por Giorgio Coli eazzino Montinari. München: De Gruyter, 1999, p. 28.

Vieira, Vladimir Menezes
Belo e sublime, apolíneo e dionisiaco

estabelecem entre ele e entidades metafísicas. Apesar disso, Nietzsche seguiu a tradição moderna ao atribuir, como se verá, um importante papel ao sentimento de prazer e desprazer no estabelecimento de tais relações, o que explica a necessidade de considerar fenomenologicamente os efeitos de apolíneo e dionisiaco sobre o indivíduo já nas primeiras páginas de sua obra.

Ainda mais curioso é o fato de que esta descrição fenomenológica se assemelha, em diversos pontos, àquela que Kant desenvolve na *Crítica da faculdade julgar* quando discute a manifestação do belo e do sublime no sujeito. Na terceira crítica, estas duas categorias estéticas distinguem-se, por exemplo, pelo fato de que à primeira está relacionada uma sensação simples de prazer no sujeito, enquanto que a segunda comporta um par de sentimentos: primeiramente, respeito, medo ou terror; e, em seguida, prazer.² Mais ainda, o filósofo sugere no §24 que o sublime está ligado, ao contrário do repouso contemplativo que caracteriza a experiência do belo, a um movimento do ânimo.³

Nietzsche se expressa de modo semelhante no §1 de *O nascimento da tragédia*. Em termos fenomenológicos, o efeito do apolíneo sobre o sujeito consiste de um prazer simples vivenciando na contemplação de belas imagens oníricas⁴; o dionisiaco, ao contrário, envolve inicialmente horror [*Grausen*], e em seguida êxtase [*Verzückung*]. A figura mitológica de Apolo, sugere o filósofo, é representada em “sapiante tranqüilidade”⁵; Dioniso, quando age diretamente sobre o ânimo, provoca por outro lado uma turbulência que é comparada a um estado de embriaguez. Por este motivo, a situação que melhor evidência a sua manifestação não é a do sonho, mas antes aquela em que nos encontramos sob a influência de narcóticos ou de fortes emoções.⁶

² “[...] esse (o belo) traz consigo, diretamente, um sentimento de promoção da vida [...];aquele (o sentimento do sublime), contudo, é um prazer [*Lust*] que só aflora indiretamente, a saber, na medida em que é produzido por meio do sentimento de uma momentânea interrupção das forças vitais [...]”. KANT, I. *Kritik der Urteilskraft*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1994, p. 165. Todas as traduções empregadas nesse artigo são de minha autoria.

³ “[...] o sentimento do sublime traz consigo, como um aspecto [*Charakter*] seu, um movimento do ânimo ligado ao ajuizamento do objeto, ao contrário do fato de que o gosto com o belo pressupõe e conserva o ânimo em tranqüila contemplação”. *Ibidem*, p. 168.

⁴ “[...] nossa essência mais interna, o subsolo comum de todos nós, experimenta o sonho em si mesmo com profundo prazer e com alegre necessidade”. NIETZSCHE, F. *Op. cit.*, p. 27.

⁵ *Ibidem*, p. 28.

⁶ Cf. *Ibidem*, pp. 28-29.

Vieira, Vladimir Menezes
Belo e sublime, apolíneo e dionisiaco

A comparação poderia parecer fora de propósito à luz das diferenças constitutivas entre as duas teorias estéticas. Kant, entretanto, é um dos poucos filósofos a quem são dirigidos elogios em *O nascimento da tragédia*⁷, e a terceira crítica, a única dentre suas obras que se sabe com segurança ter sido estudada por Nietzsche. Mais ainda, ele chegara a considerar o autor como tema de sua tese de doutorado em 1868, quando ainda era estudante na universidade de Leipzig.⁸

Em que medida Nietzsche foi influenciado pela doutrina estética exposta na terceira crítica? É razoável supor que, por trás da caracterização fenomenológica de apolíneo e dionisiaco, encontram-se o belo e o sublime kantianos? O propósito deste trabalho é procurar evidências que permitam esboçar respostas, ainda que provisórias, para estas questões.⁹

Para colocar o problema na perspectiva correta, deve-se ter em mente, de início, que as descrições fenomenológicas apresentadas na *Crítica da faculdade de julgar* não são rigorosamente originais. A tradução de Boileau para o *Peri Hupsous* de Longinus, levada a cabo ainda na segunda metade do século XVII, é o marco inicial de uma tendência que encontraria pleno desenvolvimento no século seguinte, através das pesquisas de autores ingleses tais como Dennis, Addison e Burke. Em 1790, já parecia consensual aos pensadores modernos a necessidade de considerar não apenas o belo, mas também o sublime na abordagem dos problemas pertinentes ao âmbito da estética. Os efeitos sobre o sujeito relacionados a cada uma destas duas categorias já haviam também sido caracterizados, ao longo do século XVIII, em termos bastante semelhantes àqueles empregados por Kant; mesmo alguns dos exemplos pontuais de que o filósofo lança mão para ilustrar as situações onde elas se manifestam foram retirados deste debate.

⁷ Na terceira parte de *O nascimento da tragédia*, Nietzsche sugere que a Kant teria cabido a primeira demonstração filosófica de que a ciência não é capaz de resgatar integralmente as suas pretensões cognitivas. Nesse sentido, o pensador seria um precursor de Schopenhauer, a principal referência teórica dessa obra, e sua doutrina teria contribuído também para a possibilidade de um ressurgimento do trágico na Modernidade. Cf. *Ibidem*, pp. 118-119; 128-129.

⁸ Cf. JANZ, P. *Friedrich Nietzsche: Biographie*. München: Hanser, 1993, pp. 198; 239-240; 403-404; 504. Nietzsche terminaria não escrevendo tese alguma, pois recebeu, com o apoio de seu professor Friedrich Wilhelm Ritschl, o título de *doutor honoris causa* graças a uma série de artigos publicados no *Rheinisches Museum* (*Ibidem*, pp. 262-263).

⁹ Para algumas tentativas de aproximar belo e sublime de apolíneo e dionisiaco, ver YOUNG, J. *Nietzsche's Philosophy of Art*. Cambridge: Cambridge University, 1992, pp. 45; 136-137; VANDENABEELE, B. "Schopenhauer, Nietzsche, and the Aesthetically Sublime". In: *Journal of Aesthetic Education*. Champaign: University of Illinois Press, v. 37, n. 1 (Spring, 2003), pp. 90-106; RAMPLEY, M. *Nietzsche, Aesthetics and Modernity*. Cambridge: Cambridge University, 2000, pp. 78-109.

Vieira, Vladimir Menezes
Belo e sublime, apolíneo e dionisiaco

Assim, estabelecer uma relação direta entre a doutrina exposta na *Crítica da faculdade de julgar* e a caracterização de apolíneo e dionisiaco parece requisitar, em minha opinião, mais do que simplesmente salientar as semelhanças entre os efeitos produzidos no sujeito. É preciso mostrar, ademais, que tal descrição fenomenológica serve a propósitos análogos em ambas as obras, de modo que se pudesse supor que Nietzsche está empregando estratégias argumentativas originalmente desenvolvidas por Kant. Caso contrário, seria mais apropriado afirmar que ele está simplesmente reportando-se à tradição do debate estético moderno, com a qual possivelmente se familiarizou através da leitura da terceira crítica.

E a consideração deste problema de fato parece favorecer a segunda, e não a primeira hipótese. Em Kant, a descrição fenomenológica dos estados do sujeito é o dado primário que serve de ponto de partida para a investigação filosófica. É um fato, observado empiricamente, que o indivíduo emite juízos estéticos, juízos que têm certas propriedades que os tornam constitutivamente distintos daqueles ligados ao conhecimento e à moral; e é igualmente um dado da experiência que eles são acompanhados de certas sensações. O objetivo do filósofo na terceira crítica é, portanto, explicar que relações entre as faculdades transcendentais facultam a eclosão dos sentimentos e a emissão do juízo.

Em Nietzsche, o fenômeno estético é resultado de relações com entidades metafísicas de que se postula diretamente a existência. O filósofo não necessita explicar como e por que as sensações que o acompanham são desta ou daquela natureza. É suficiente afirmar: dado que as entidades e as relações têm tais características, seguem-se certos efeitos no sujeito.

Dito de outro modo, a premissa admitida por Kant na *Crítica da faculdade de julgar* é um conjunto de sensações provocadas no sujeito e relacionadas ao fenômeno estético, e o trabalho do filósofo consiste em elucidar analiticamente sua origem. Nietzsche, por outro lado, supõe a existência de certas entidades metafísicas, e mostra como elas são responsáveis pela estética e pelos efeitos que a acompanham.

Esta diferença de ponto de vista torna-se ainda mais aguda nas passagens em que Nietzsche procura estabelecer relações entre estética e metafísica. A tragédia é caracterizada como uma “aliança matrimonial” entre apolíneo e dionisiaco.¹⁰ No

¹⁰ NIETZSCHE, F. Op. cit., p. 42.

Vieira, Vladimir Menezes
Belo e sublime, apolíneo e dionisiaco

teatro é apresentada, por meio de imagens apolíneas, a verdade sobre as relações entre o homem e a entidade metafísica que está no cerne da doutrina exposta no livro. O indivíduo nada mais é do que representação do único ente verdadeiramente existente, o Uno-primordial. Como tudo o mais que está sujeito às condições do espaço-tempo, ele é apenas aparência, sombra projetada pela essência da natureza.¹¹

Em geral, a consciência a respeito da ordem metafísica do mundo tem um efeito desagregador sobre o sujeito. Nietzsche sugere, nos primeiros parágrafos de sua obra, que o êxtase da experiência dionisiaca leva o indivíduo a buscar uma união com o Uno-primordial, o único ente verdadeiramente existente, e desse modo seu próprio aniquilamento – do qual a violência das cerimônias bárbaras consagradas a Dioniso daria testemunho.¹² No §7, o mesmo ponto é apresentado sob outra perspectiva. Ao compreender que o mundo fenomenal é mera aparência, o homem é forçado a reconhecer que, como ente espaço-temporal, também ele é verdadeiramente não-existente [*wahrhaft-nichtseiend*]. Sua vida perde, deste modo, o significado, bem como as realizações nela contidas:

Nesse sentido o homem dionisiaco possui semelhança com Hamlet: ambos lançaram uma vez um verdadeiro olhar para dentro da essência das coisas, ambos conheceram [*erkannt*], e agir os enoja; pois sua ação não pode alterar nada na essência eterna das coisas [...].¹³

A tragédia, entretanto, permite ao sujeito travar contato com a verdade sobre a existência sem que verifique a tendência ao aniquilamento que tem lugar nas cerimônias religiosas bárbaras. Isso ocorre, precisamente, porque essa experiência estética revela a essência íntima da natureza não de modo diretamente dionisiaco, mas por meio de imagens apolíneas. Assim, ela ensina como o mundo efetivamente é, ou seja, suspende provisoriamente a ilusão que torna a vida possível sem que se manifestem os efeitos patológicos usuais.

Mas a justificação para o surgimento da tragédia põe em relevo também necessidades intrínsecas à própria constituição do Uno-primordial. Os entes espaço-temporais não vêm a ser ao acaso: eles são criações estéticas da essência da natureza

¹¹ Segundo Nietzsche, somos forçados a reconhecer a aparência do Uno-primordial, isto é, sua representação, “na qual estamos totalmente presos e da qual nos constituímos, como o verdadeiramente não-existente, isso é, como um duradouro tornar-se no tempo, no espaço e na causalidade, em outras palavras, como realidade empírica”. Ibidem, pp. 38-39.

¹² Cf. Ibidem, pp. 31-32.

¹³ Ibidem, pp. 56-57.

Vieira, Vladimir Menezes
Belo e sublime, apolíneo e dionisiaco

que existem para satisfazer à sua vontade de ver-se manifestada empiricamente. Como afirma Nietzsche, ainda no §4, “o verdadeiramente existente e Uno-primordial, como eterno padecente e contraditório, precisa ademais da visão encantadora, da aparência prazerosa, para sua contínua redenção [...]”¹⁴

A tendência ao aniquilamento suscitada sob a influência dionisiaca é contraproducente com relação a este objetivo. A tragédia surge, portanto, para favorecer os propósitos do Uno-primordial. Através dela, a vida humana torna-se possível, não porque é em si mesmo importante preservá-la, mas porque fica deste modo resguardada a possibilidade de o cerne da natureza ver-se representado através das formas individualizadas da sensibilidade, e dar realização a seus impulsos estéticos.

Os argumentos de Nietzsche poderiam ser reorganizados do seguinte modo. Dada uma entidade metafísica, o Uno-primordial, são produzidos certos efeitos no sujeito. Mas, uma vez que a qualidade destes efeitos está em contradição com certas características de tal entidade, o surgimento da tragédia torna-se necessário. Como se vê, o fenômeno da arte se explica aqui porque as sensações provocadas na relação entre o indivíduo e o ente metafísico têm determinadas propriedades. Em Kant, como salientado mais acima, dá-se precisamente o inverso. O sentimento de prazer é o resultado, e não a causa, dos estados internos do sujeito que caracterizam a estética, e o esforço da investigação filosófica caminha, precisamente, no sentido de esclarecer a natureza de tais estados.

A suposição de que Nietzsche tomara de empréstimo a concepção de belo e sublime exposta na *Crítica da faculdade de julgar* para fundamentar a oposição entre apolíneo e dionisiaco não me parece, assim, razoável sem maiores qualificações. Seria mais prudente atribuir este legado a certas características gerais do debate estético moderno, visto que o que há de comum entre as duas doutrinas não é originalmente kantiano. Mesmo esta hipótese, todavia, carece de maior precisão, visto que a ela se interpõem certas dificuldades técnicas.

A primeira delas é terminológica. Existem 44 ocorrências do termo “belo” [*schön*] e seus derivados espalhadas de modo relativamente uniforme pelos vinte e cinco parágrafos de *O nascimento da tragédia*, e a maior parte delas está claramente

¹⁴ Ibidem, p. 38.

Vieira, Vladimir Menezes
Belo e sublime, apolíneo e dionisiaco

relacionada ao apolíneo e a seus efeitos sobre o sujeito. Apenas cinco não podem ser interpretadas deste modo: elas têm lugar especialmente nas passagens que tratam do teatro de Eurípides, e correspondem a um uso não técnico da palavra, como mero adjetivo qualificativo.¹⁵

O exame dessa questão tem, todavia, resultado bastante diferente para o sublime [*erhaben*]. Nietzsche emprega o termo e seus derivados 26 vezes em *O nascimento da tragédia*, mas em apenas três casos de modo decididamente técnico. Duas ocorrências, nos §§19 e 24, dizem certamente respeito ao dionisiaco em contraposição ao apolíneo; a terceira, por outro lado, qualifica no §7 a arte em geral, e não um de seus dois princípios constituintes em particular.¹⁶

Nas demais, a maior parte adjetivos, Nietzsche parece fazer um uso não técnico da palavra, como sinônimo de “elevado” ou “superior”. Assim, ela é aplicada, indiferentemente, para qualificar entidades e efeitos tanto apolíneos quanto dionisiacos – por exemplo, Apolo e Homero nos §§1 e 3, mas a tragédia no §2, o coro

¹⁵ Em oposição à morte da tragédia, Nietzsche refere-se no §11 à “bela e serena” morte de outras formas de arte gregas. Na mesma passagem, afirma que estas outras formas de arte padeceram “com uma bela descendência”, e que já podiam fitar “sua mais bela prole” ao falecerem (Ibidem, p. 75). No §12, Eurípides teria destruído “o mais belo de todos os templos” (Ibidem, p. 83) – ou seja, a tragédia ática. No §13, o “coro de espíritos do que há de mais nobre na humanidade” queixa-se a Sócrates, que teria destruído “o belo mundo” (Ibidem, p. 90). Em todas as suas outras ocorrências, o termo “belo” é sempre empregado em sentido técnico, e em um contexto claramente vinculado ao apolíneo – por exemplo, quando Nietzsche se refere à “bela aparência do mundo do sonho” (§1, p. 26) ou ao “impulso apolíneo da beleza” (§3, p. 36).

¹⁶ No §19, Nietzsche refere-se aos movimentos do gênio da música, os quais não se deixam compreender segundo os conceitos, empregados pelos estetas de sua época, de “beleza eterna, bem como de sublime” (Ibidem, p. 127). No §21, o filósofo menciona como o “apolíneo nos arranca da universalidade dionisiaca e nos encanta para os indivíduos: [...] por meio deles satisfaz-se nosso senso de beleza que anseia por grandes e sublimes formas” (Ibidem, p. 152). O §7, por fim, aborda a possibilidade que a arte possui de transformar “aqueles pensamentos enojados sobre o horror e o absurdo da existência em representações com as quais é possível viver”. Segundo Nietzsche, tais representações seriam de dois tipos: “ou o sublime [...] ou o cômico [...]” (p. 57). A referência ao sublime nesta passagem diz respeito, como se vê, não ao apolíneo ou ao dionisiaco separadamente, mas à sua “união fraterna” sob a forma da tragédia. Com base especialmente nesta passagem, Roberto Machado conclui que o sublime em *O nascimento da tragédia* “não se identifica ao dionisiaco, à verdade, à essência da natureza. É um elemento intermediário entre a beleza e a verdade, entre a bela aparência e a verdade enigmática e tenebrosa, possibilitado pela união de Apolo e Dioniso existente na tragédia” (*O nascimento do trágico: de Schiller a Nietzsche*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006).

Vieira, Vladimir Menezes
Belo e sublime, apolíneo e dionisiaco

e os sátiros no §8.¹⁷ Em pelo menos quatro ocasiões, o uso é evidentemente não-técnico, visto que ele não está ligado a qualquer dos dois princípios.¹⁸

É importante observar que, nas duas ocasiões em que emprega o termo “sublime” em conexão com o dionisiaco, Nietzsche opta pelo substantivo. Este fato poderia, evidentemente, servir de apoio para a justificação desta relação. De todo modo, é flagrante o contraste com os usos do termo “belo”, que parecem muito mais consistentemente ligados ao apolíneo.

A segunda dificuldade é de ordem propriamente fenomenológica. A descrição do efeito dionisiaco sobre o sujeito não é integralmente compatível com certas condições que já se haviam consagrado na tradição do debate estético moderno a respeito do sublime. Antes mesmo de Kant, autores tais como Addison e Burke haviam sugerido, ainda na primeira metade do século XVIII, que o prazer que se segue ao desprazer na vivência dessa categoria estética só é possível quando nos encontramos em uma posição de segurança em relação ao objeto que temos diante de nós. Essa exigência encontra-se formulada com precisão no §28 da *Crítica da faculdade de julgar*, onde se afirma que “quem teme não pode de modo algum julgar sobre o sublime, tão pouco quanto aquele que está tomado por inclinação e apetite [pode julgar] sobre o belo”.¹⁹

Mas ela não se aplica ao dionisiaco. O sujeito que trava contato com a verdade sobre o mundo sob influência direta desse princípio encontra-se efetivamente ameaçado de destruição, como mostra a reconstituição histórica da civilização grega avançada por Nietzsche nos primeiros parágrafos de sua obra. É, precisamente, porque o homem e cultura tendem a aniquilar-se nessa situação que a tragédia se torna necessária, de modo a permitir que o Uno-primordial permaneça obtendo satisfação para seu desejo de ver-se esteticamente representado no mundo fenomenal.

¹⁷ §1: “Pode-se dizer de Apolo que nele a inabalável confiança naquele princípio [de individuação] [...] obteve a sua mais sublime expressão” (NGT, p. 28); §3: “O quão inefavelmente sublime é Homero [...]” (NGT, p. 37); §4: “Aqui se oferece a nosso olhar a sublime e enaltecida obra de arte da tragédia ática [...]” (NGT, p. 42); §8: “O sátiro era algo sublime e divino [...]” (NGT, p. 58); “Pois tudo é apenas um grande e sublime coro de sátiros cantantes e dançantes [...]” (NGT, p. 59).

¹⁸ Nietzsche menciona, no §7, que a interpretação política da tragédia parece “sublime” a certos teóricos (NGT, p. 52); nas passagens a respeito da morte da tragédia, o filósofo emprega duas vezes o termo simplesmente como sinônimo de “superior”: Eurípides sentir-se-ia “superior” a seus espectadores (NGT, p. 79), mas não a dois em particular (NGT, p. 80).

¹⁹ KANT, I. Op. cit., p. 185.

Vieira, Vladimir Menezes
Belo e sublime, apolíneo e dionisiaco

Deixa-se entrever deste modo uma resposta, ainda que provisória, à questão que corresponde ao escopo deste trabalho. Em primeiro lugar, ao invés de estabelecer uma relação entre as descrições fenomenológicas de apolíneo e dionisiaco expostas em *O nascimento da tragédia* e aquelas de que Kant se serve na terceira crítica, parece mais apropriado reportar-se à tradição geral do debate estético moderno, mesmo levando-se em consideração que Nietzsche provavelmente tomou dela conhecimento através da leitura da *Crítica da faculdade de julgar*. Isto se justifica na medida em que o que há de comum entre estas caracterizações não é propriamente kantiano, mas antes resultado de pesquisas que já vinham se desenvolvendo desde o final do século XVII na área da estética.

Em segundo lugar, a apropriação nietzscheana do legado estético moderno deve ser tomada com cautela no caso do sublime, visto que há flagrantes dissonâncias tanto no uso terminológico quanto, o que é ainda mais relevante, no que diz respeito à própria descrição fenomenológica.

[Recebido em maio de 2011; aceito em julho de 2011.]